

O YTORORÓ.

JOURNAL

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS — QUINTA FEIRA 1.º DE DEZEMBRO DE 1859. N. 7.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

1.ª SÉRIE.

II.

(Continuação.)

A imaginação do homem, sempre propensa ao maravilhoso, pela tendência a attingir o desconhecido mysterioso e incommensuravel, de que procede essa particula immaterial que elle sente possuir sem poder definil-a, devia naturalmente, nos primeiros tempos deficientes de theorias, vagar em conjecturas, no ajuizar as idéas que se lhe suggerissem, ou de que fosse impressionado pelos objectos e alternativas das funcções da natureza; e como em tudo que o circulava as impressões, que recebia mais continuas e mais extensivas, erão adquiridas pelo sentido visual, era natural o notar que a claridade, isto é a luz, lhe proporcionava o gozo do bem, visto que sentia serem-lhe aprasiveis as observações da natureza; e como era privado d'esse gozo nas occasiões de trevas, vinhão a ser estas contrarias ao mesmo gozo. D'aqui tirou por conjectura que os dous principios oppostos na natureza, erão origens — *do bem a luz, do mal as trevas*. — As abstracções metaphysicas forão então depois desenvolvendo e ampliando aquelles dous principios; e d'est'arte um phenomeno physico em sua essencia veio a tornar-se base da extravagante Theocracia d'aquellas primeiras eras.

Sendo reconhecidos bens todos os objectos proveitosos, interessantes, aprazivos, e males os soffrimentos physicos, os transtornos apparentes da natureza, como mortes, desolações provenientes dos rigores das borrascas, vícios repugnantes, e todas as mais misérias inherentes á humanidade, os metaphysicos, que consideravão o universo composto de uma só peça espherica, imaginarão esta dividida em dous hemispherios; um — o da luz — superior, inclusive a superficie da terra, e outro, — o das trevas — inferior, e invisivel; devendo ser um e outro sujeitos a potencias sobrehumanas. A idéa que tinham do — SER SUPREMO — sendo a da perfeição absoluta, tornava-lhes revoltante a possibilidade d'emanar immediatamente d'elle qual-

Por entre sevilhas
O rio serpenteia;
No seio do mar,
A nuvem lamençosa
De tão rosta cor,
O lago retrata.
Com meigos suspiros
A briza se acorda,
E vãs flores,
Que n'haste sorrindo,
Graciosas imitam
Do iris as cores.
Na relva scintilla
O aljofar celeste,
D'aurora lousa,
E ainda brilhando
Se vê nas folhinhas
Da flor de roma.
No prado florido,
As flores distillam,
A doce ambrosia,
O quadro é sublime!
E toda a natura
Respira alegria.
Da linda roseira
Desdobram-se as rosas;
Também o alecrim
De flores se adorna;
N'um leito de folhas
Descansa o jasmim.
Pallida camelia
De orvalho pejada,
Sorri para o sol;
E a roxa violeta
Modesta s'envolve
De folhas n'um véo.
No monte visinho,
Lá trisca o cordão
Alegre a lalar;
O insecto volteja,
E o lindo cabrito
Começa a saltar.
Silencio! escutemos...
Do alto rochedo,
Desce a torrente,
A aurora desponta,
Os montes se douram
De luz relulgente!..
S. Paulo — 1859.
ANTONIO MANOEL DOS REIS.

LOGOGRIFHO.

Serve a primeira
Ao orador;
Mostra em affectos

Prazer ou dor,
Com a segunda
Demonstração
Motivo, causa,
Occasião.
E co'a terceira
Deusa do mal,
Qu'enlouquecia
Qualquer mortal.
Segunda e prima
Resultas dão
Do ar movido
No faracão.
Últimas duas
Mostrão — coitado!
Que foi por outrem
Mystificado.
Terceira e prima
Estofos indica:
Ha um insecto
Que uma fabrica.
Terceira e segunda
Tensão aponta.
Só cinco letras
O todo conta;
Quer o leitor
Bem conhecê-lo?
Está no que sente
Sem poder vê-lo.

S. G.

A decifração da charada publicada no
n.º 4 é — «sinopera»

ERRATA.

No numero 4, pag 2, l. 7, em vez de
— ora tentando deprimir — lêa-se — ora
tentado deprimir.

No mesmo numero, pag. 10, l. 43, em
vez de — do genio das «Palavras de um
Crente» — lêa-se — do genero das «Pala-
vras de um Crente.»

No mesmo numero, pag. 11, l. 33, em
vez de — comprimento — lêa-se — cum-
primento.

No presente numero, pag. 5, l. 31, em
vez de — Jolamista — lêa-se — Islamista.

Idem, idem, l. 32, em vez de — Se-
besta — lêa-se Sabeista.

Santos.—Typ. de Marques & Irmão.

O que poderia eu dizer-lhe, ó leitor, depois do que acabas de ler?

—Ha quantos dias não comia a minha filha, mulher? perguntei á minha hospede, quebrando o silencio de alguns minutos, que se estabelecera desde o principio do frugal banquete da louca.

—Vai para cinco dias, senhor.

—Cinco dias?! Meu Deus!... E você?

—Eu ha oito dias que não tom alimento... estive doente... durante o meu incommodo esgotarão-se-me as minhas diminutas economias... foi a razão porque a minha desgraçada filha soffreu fome... por cinco dias... Hoje foi o primeiro dia em que pude sair, não para trabalhar, que não possa ainda, mas para pedir... para esmolar...

—Qual o genero de trabalho a que se dá, mulher?

—Lavo de dia, respondem-me a pobre mulher designando-me o balaio sobrecarregado de roupa, e á noite trabalho em costuras grossas.

—Mais pão!... mais pão!... quero mais pão!... gritou a louca, que acabava de engolir o ultimo bocado do pão que lhe haviam dado, fazendo gestos extravagantes e arregalando horrorosamente os olhos.

A mãe correu a servi-la de mais alimento, e eu comecei a examiná-la com profunda attenção.

Era uma moça que poderia contar pelos seus 20 annos, côr clara, cabellos e olhos pretos. Seu rosto, de um perfeito oval, embora desfigurado pela medonha pallidez e expressão sinistra da loucura, ainda demonstrava a regularidade de feições que outr'ora sem duvida o distinguira e conservava uns restos fugitivos de delicada belleza. Os olhos, agora espantados e vagos e circundados de fundas olheiras, eram rasgados e franjados de compridas pestanas; a testa bem contorneada; as sobrancelhas levemente arqueadas, desenhadas com esmero pela natureza; o nariz afilado; a boca pequena e mimosa, occultando, sob labios desmaiados e resequidos, mas ainda assim graciosos, duas renques de dentes miúdos, outr'ora brilhantes de alvura, quaes brancas perolas, agora amarellas por incultos, semelhantes ao marfim. O corpo, envolto em grosseiras roupas, a despeito da sua extrema magreza, deixava ver seu porte esbelto, e conjecturar quão elegantes não seriam as suas formas, quando no vicio de uma robustez sadia e fresca.

(Continua.)

POESIAS.

Ao insigne vate brasileiro MAGALHÃES.

(Ao ler parte do seu poema — A confederação dos Tamoyos.)

SONETO.

Candido cysne da brasileira terra,
Ilustre Magalhães, cantor faustoso,
Em canto ameno, em verso harmonioso
A patria-gloria tua lyra encerra;
Se a critica mordaz, ouvidos cerra
Ouvindo-te gemer, tão suspiroso!
Em meigos sons, de affecto impetuoso,
Que entre amor e razão promove a guerra.
Branda se curva a vil mediocridade,
Ouvindo o grave som, que a gloria inspira,
Dos «Tamoyos» cantando a heróicidade!

(1) Suspiros poeticos — de Magalhães.

Meu genio em sacro ardor, te inveja a lyra!
Prostra-se o fado!... brilha a Eternidade!
Curva-se o tempo! e o mundo te admira.
S. AZEVEDO.

A AURORA.

Ei-la trajando verdores,
A linda mãe dos amores,
Com seus volateis cantores
Pelos campos a folgar;
Ei-la folgando na mata
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

(JOÃO DE LEMOS.)

Silencio! escutemos....
Lá canta no bosque
O alado cantor.—
E os echos ao longe
O canto repetem
Com doce estridor!

pretensa sala. Do lado esquerdo, defronte a porta da rua, abria-se um corredor que parecia conduzir do primeiro aposento à cozinha e quarto de dormir da pobre mulher. À direita, uma porta, que permanecia fechada, dava comunicação para um cubículo que se adivinhava logo ser a espelunca ou jaula da louca, ao sentirem-se, partindo do interior, sons inarticulados e a bulha de que fallei.

—O senhor se abanque... Queira perdoar a qualidade ordinaria do assento, me disse a pobre mulher, offerecendo-me um dos mochos.

—Obrigado, tornei-lhe sentando-me. Apresse-se a dar comida a sua filha, que está desesperada de fome, acrescentei.

A estas minhas palavras, a minha hospede correu á meza, abriu uma gaveta, d'onde tirou uma chave, e dirigio-se para a porta do quarto da louca. Esta, presentindo-a dentro, redobrou os gritos e as pancadas. Parecia querer, atravez das taboas mal unidas da porta, precipitar-se ao encontro do parco alimento que lhe levava a sua infeliz mãe.

—Theresa... minha filha, aquietate... eu aqui estou e te trago pão, disse a pobre mulher, dirigindo-se com doçura do lado de fóra á sua misera filha.

E abriu a porta. Um espectro de mulher, extremamente magro e livido, com os cabellos, desmedidamente crescidos e emmaranhados, esparsos em desalinho sobre o rosto e hombros, as roupas rasgadas e descompostas, assomou instantaneamente na entrada do quarto e atirou-se, rapida como o raio, para o pão que lhe offerecia a pobre mulher. Agarrando-o com furiosa avidez ás mãos ambas, qual feroz panthera, que, havendo conseguido, após renhida luta, empolgar a cobiçada preza, receia ainda que lhe escape das potentes garras, a louca levou arrebatadamente á boca a massa de trigo secca e endurecida, e começou a devorá-la grunhindo, convulsa, com frenesi horrivel, no meio de movimentos bruscos e desordenados!

Não era um ente humano, sem embargo da sua figura de mulher, essa triste creatura que eu tinha então diante dos meus olhos — era o bruto em toda a cega irracionalidade e irresistivel energia de seus instinctos animaes; menos do que o bruto — era um cerebro enfermo ou vazio, dominado pela necessidade material da fome, dando pasto ao seu insaciavel appetite. Não é por certo verdade que é mais feliz a condição do bruto do que a do demente? — n'um o instincto natural, mais ou menos intelligente, supprime de alguma maneira a razão, o mundo moral é allumiado por uma meia-claridade, a sensibilidade é essencialmente viva — no outro os instinctos são, por assim dizer, impotentes e meras tendencias automaticas, as trévas reinão profundas na região intellectual, o coração jaz morto entre as paredes do peito. A irracionalidade, se bem que menos dotada de nobres faculdades do que a humanidade pelo Soberano Architecto, é sempre um estado normal, uma condição da natureza, uma criação, posto que incompleta, ao menos sahida, tal qual se revela, das mãos de Deos — a loucura é uma situação anormal do homem, a subversão da obra prima do Creador, a queda do rei do universo, ser cheio de orgulho e grandeza, do throno da razão e da moralidade, nos limbos de um viver desnordeado, sombrio, agitado, sem imputabilidade nas accões, mais pueril do que a infancia, mais caduco do que a decrepitude.

Vêde o que escreve algures, no seu estylo inimitavel, fallando da loucura, Theophil Gautier, para quem «nada ha mais sinistro e mysterioso.» «Tambem é com uma curiosidade ansiosa misturada de secreto terror que vemos esses cadaveres, em quem o que lhes resta d'alma serve apenas para impedir a putrefacção, passearem ao longo das paredes, com o olhar carregado, as faces abatidas, o labio pendente, arrastando os pés a que a vontade já não presta o seu fluido, fazendo gestos sem causa, como animaes ou machinas desmontadas, insensíveis ao sol ardente, á chuva gelada havendo perdido a noção de si e crendo-se outros, não percebendo os objectos de baixo das suas apparencias reaes, e cercados de um mundo de estranhas allucinações.»

É antes d'estas palavras, o primoroso escriptor tinha traçado, com desesperante philosophia, as seguintes linhas:

«A alma obscurecida do louco readquire a sua lucidez após a morte, ou ha almas loucas durante toda a eternidade? A alma não será nem immaterial nem immortal, pois que póde adoeecer e morrer? Duvidas terriveis, abyssos profundos sobre que nos inclinamos tremendo, mas que nos attrahem como todos os abyssos.»

REMINISCÊNCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

III — A LOUCA.

Continuação.

—O senhor queira ter a bondade de esperar aqui um momento, me disse a pobre mulher. Vou atear o lume e accender este rolo.

Proferidas estas palavras, a minha compunha-se penetrou dentro do casebre e sumiu-se nas trevas. Senti, pelo ruído de suas pisadas que se alongavam, que ella se dirigia para a cozinha ou quadra da casa, onde dormia, occulto talvez sob um punhado de brancas e ligeiras cinzas, o poderoso agente de calor e luz.

Dahi a pouco ouvi, com o favor do profundo silencio que me cercava, o soado proximo e vindo do interior do casebre, de uma respiração que soprava com força —era a minha hospede que tentava levantar a chamma de um braseiro quasi extinto, quicá á mingoa do indispensavel alimento da lenha que custa dinheiro!...

Passarão-se alguns instantes... O mesmo silencio reinava, perturbado apenas, do lado de dentro, pelo sopro cansado da pobre mulher, que debalde se esforçava por fazer reviver o fogo que parecia de todo apagado; da parte de fóra, pela orchestra invariavel e discordante dos numerosos e indefiniveis sons nocturnos, que se fazem ouvir em qualquer parte da magestosa região do Cruzeiro. Era aqui o chilro estridulo e incessante do grillo, escondido numa fenda do solo, alli o susurro produzido pelo vôo rapido do morcego, esse animal de jo monstruoso e repulsivo, metade quadrupede, metade volátil, como diz Buffon, cortando o ar com suas azas membranosas, acolá o grasnido metálico e pitcheado da arqueira sundára, mais longe, na mouta distante, o assobio, melancolico na sua monotonia cadencia, do sacy, esse habitante sombrio das selvas, o Byron dos poetas, o Mephistopheles alado das lendas e superstições populares.

Os phosphorescentes pyrlons, ao fluctuando a espagos na escuridão que envolvia o bairro em que me achava, me allumiado em estreito circulo pela debil claridade do embaçada lampião suspenso proximo á casa da pobre mulher, acabavão por tornar mais triste o espectáculo da noite a taes deshoras e em semelhante sitio.

Subito a mesma voz estranha e vibrante de poucos momentos antes soltou um segundo grito medonho, que me gelou o sangue nas veias e me fez estremecer dos pés á cabeça, e pronunciou estas palavras entrecortadas, cujo echo se perdeu na solidão da noite.

—Pão!.. quero pão!.. quero pão!..

Um bater infrene de mãos n'uma porta e de pés sapateando com força no chão acompanhou estas crueis palavras. Era ainda a louca, a louca que se debatia ralada pelas torturas da fome, esse abatto interno que espicaça as entranhas da miseria.

N'este momento a pobre mulher que, após inauditos esforços, conseguira atear o lume e accender o seu rolo, voltou ao limiar do casebre. Então eu, que a aguardava no limiar da porta, entrei.

Vou tentar descrever, tal qual se me antolhou, á luz avermelhada e fantastica do rolo, o interior da miseravel habitacao, cujos umbraes eu acabava de transpôr.

Sem corredor, a casa da pobre mulher compunha-se de um primeiro aposento, sobre que se abria a porta da rua de paredes de atapaa não rebocadas e telhavã, e a que servia de pavimento natural um chão negro e escorregadio. A um canto uma mezinha coxa, em cima da qual estavam amontoados alguns utensilios domesticos, parte quebrados, parte encardidos, e zizitos por longo uso, um estreito e velho estrado debaixo da janella, dous ou tres arches treantios em diversos lugares, um formidavel baldio, contendo uma giganta trouxa pyramidal de roupa, junto á meza, um pequeno oratorio de pão suspenso no paredão sobre dous pregos, em torno dos quaes se enrolavão algumas folhas de palmeira lanta-seca, eis em que consistia a mobilia d'essa

O Vesúvio tornava-se de novo mais ameaçador; ambos, porém, tinham tantas coisas no espirito e no coração, que não lhes restava tempo para pensar no Vesúvio.

A condessa subiu a carruagem e fez-se conduzir ao convento de Santa Maria das Graças. Chegando lá, disse a sua fia que, para praticar incognitamente uma obra de beneficência, havia mister de um traje de religiosa. A abbadessa mandou-lhe trazer um que lhe servisse. Era vestido. Quando terminava o seu «toilette» monástico, a velha veio procurá-la: ella a esperava á porta com uma carruagem fechada. Cinco minutos depois esta carruagem parava no angulo da rua San-Giacomo e da praça Santa-Medina.

Lia e sua condutora desceram e deram alguns passos a pé: entraram depois por uma pequena porta a esquerda, acharam uma escada sombria e estreita, e subiram para o terceiro andar.

Ahi chegando, a velha empurrou uma porta e penetrou em uma especie de antecâmara, onde uma outra velha a aguardava. As duas eiganas fizeram então Lia renovar o juramento de jamais dizer cousa alguma sobre a maneira pela qual ella havia descoberto a traição de seu marido: feito esse juramento nos mesmos termos que da primeira vez, introduziram-na em um pequeno aposento em cuja parede divisória tinha sido aberta uma fenda quasi imperceptivel. Lia encostou os olhos á essa fenda.

A primeira cousa que a impressionou n'esse aposento e a unica que a principio attrahio a sua attenção, foi a presença de uma encantadora moça de sua idade mais ou menos, que reponhava ainda vestida sobre um leito com cortinado de setim azul prateado; ella parecia ter cedido á fadiga e dormia profundamente.

Lia voltou-se para interrogar uma das duas velhas; ambas porém haviam desaparecido: tornou pois a encostar os seus olhos avidos á fenda.

A moça acordara: acabava de erguer a cabeça, apoiando-a, ainda adormecida, em uma das mãos. Seus longos cabellos negros cahião-lhe em anéis da fronte até o travesseiro, occultando-lhe metade das feições. Sacudio a cabeça para afastar esse véo, abriu languidamente os olhos, olhou em redor como para reconhecer onde estava; tranquillizada sem duvida pelo exame que acabava de fazer, um ligeiro e triste sorriso veio roçar-lhe os labios: fez uma curta oração mental, beijou um pequeno crucifixo que trazia ao pescoço e, descendo do leito, foi levantar a cortina da janella, olhou por muito tempo para a rua parecendo esperar alguém, e, como esse alguém ainda não apparecia foi sentar-se.

Durante este tempo, Lia havia-a seguido com os olhos, e este longo exame esmagara-lhe o coração. Esta mulher era perfeitamente bella.

Os olhares de Lia desviaram-se então da mulher para os objectos que a cercavam. O quarto que ella habitava era semelhante ao em que Lia fora introduzida; mas em quanto naquella uma mão providente reunira todos os mil detalhes do luxo, dos quaes é mister cercar sempre, como um painel d'esse quadro, a mulher bella, elegante e aristocratica, no outro, onde se achava Lia, as paredes erão nuas, as cadeiras de palha, as mezas quebradas e havia-se-lhe deixado uma physionomia de miseria e vetustez.

Era pois evidente que aquelle aposento fôra preparado para receber a bella hospede.

Entretanto esta continuava sempre, na mesma attitude, pensativa e melancolica, com a cabeça reclinada sobre o peito, a esperar aquelle que seguramente havia velado no arranjo do encantador abouchoiro que occupava. De subito ella ergueu a fronte, prestou ouvidos com ansiedade e ficou meio levantada e com os olhos fitos sobre a porta. Sem duvida o ruido que a tirára de sua meditação tornára-se mais distincto, por que ella ergueu-se repentinamente, levando uma mão ao coração e procurando com a outra um apoio, pois que impallidecia visivelmente e parecia prestes a desmaiar. Houve então um momento de silencio, durante o qual o ruido dos passos de um homem que subia a escada chegára aos ouvidos de Lia; a porta do quarto visinho abriu-se e a desconhecida deu um grito, estendeu os braços e cerrou os olhos como se não pudesse resistir á emoção que experimentava. Um homem precipitou-se no aposento e amparou-a sobre o seu coração no momento em que ella ia cahir. Este homem era o conde.

A moça e elle não puderam semo trocar duas palavras:

—Odoardo! Theresa!

A condessa não pôde levar além o sofrimento: soltou um gemido doloroso e cahiu desmaiada sobre o pavimento.

(CONTINUA.)

ALEXANDRE DUHAS

Continuação

- É uma mulher que é o objecto d'esse segredo, continuou a cigana.
- Moça? perguntou Lia.
- Moça?... sim, moça, respondeu a cigana após um momento de hesitação.
- Linda? continuou a condessa.
- Linda? não posso responder-vos porque vejo-a através de um véo.
- E onde está essa mulher?
- Não sei.
- Como, não o sabes?
- Não, não sei onde ella está hoje. Parece-me que está em uma igreja, mas eu não vejo d'esse lado; posso, porém, dizer-vos aonde ella estará amanhã.
- Aonde ella estará amanhã?
- Amanhã ella ha de estar em um pequeno aposento da rua de S. Giacomo, n. 11, terceiro andar, onde deve aguardar vosso marido.
- Quero ver essa mulher! exclamou a condessa. Cincoenta sequins, se eu a vir.
- Far-vos-hei vel-a, disse a velha; com uma condição porém?
- Fallá. Qual?
- E' que, seja o que fôr que virdes ou ouvirdes, não apparecereis.
- Eu t'o prometto.
- Não basta prometter, é mister pôr.
- Eu t'o juro.
- Pelo que?
- Pelas chagas de Christo.
- Bem. Agora é necessario procurar um vestuario de religiosa, áfim de que, se fordes encontrada, não sejas reconhecida.
- Mandarei pedir um ao convento de Santa Maria das Graças, cuja abbadessa é minha tia; ou antes... espera... Eu mesma irei amanhã de manhã sob o pretexto de visitá-la; vae buscar-me ás dez horas em uma carruagem fechada e espera-me junto á pequena porta que dá para a rua da Arenaccia.
- Muito bem, disse a cigana; lá estarei.
- Lia tornou a entrar em casa e a velha afastou-se meneando a cabeça e contando o ouro.
- A's duas horas Odoardo voltou. Lia ouviu-o perguntar ao criado se não lhe haviam trazido alguma carta. Foi-lhe respondido que não.
- Lia fingio não ter ouvido senão os passos do conde, passos que ella conhecia de longe, e abriu a porta sorrindo.
- Oh! que agradável surpresa! lhe disse. Voltaste mais cedo do que o esperava.
- Sim, disse Odoardo lançando os olhos para o lado do Vesúvio; sim, estava inquieto. Não sentes um calor suffocante? não vês que o fumo exhalado pelo Vesúvio está hoje mais espesso do que de ordinario? A montanha parece ameaçar-nos com alguma cousa!
- Não o sinto, nada vejo, disse Lia. Demais, não estamos nós em um lugar privilegiado?
- Sim, e agora mais privilegiado do que nunca, disse Odoardo: pois que um anjo o guarda.
- Essa noite passou-se como a outra, sem que o conde concebesse a menor suspeita, tão bem soube Lia dissimular a sua dor. No dia seguinte, ás nove horas da manhã, ella pediu permissão ao conde para ir ver sua tia, superiora do convento de Santa Maria. Esta permissão foi-lhe de bom grado concedida.

é obra nossa. Fallaremos della como todo o homem, conscio de si e de seu dever, deve fazel o. A religião é sem contestação a mãe de todas as virtudes, do verdadeiro genio, da liberdade do pensamento caminhando para o seu justo desideratum; é o unico fôco de luzes que encontramos no templo da intelligencia. Ella eleva o homem acima de si mesmo, torna-o um gigante — o homem religioso não teme perigos, em fim é o unico ser verdadeiramente grande. Perguntai-o á historia; os exemplos que ella recorda de heroismo, abnegação e patriotismo, nos vem da religião.

Seu fim sublime conduz á fraternidade dos homens, e á emancipação dos males que sobre elles pesão. Sem ella não haveria sociedade possível e o homem seria o animal mais feroz e inlomavel, a vida um crime continuado; os homens se evitarião porque cada um delles veria no outro um inimigo; o repouso, a calma, a tranquillidade voarião, e nos deixarião entregues á um combate interminavel com as más paixões; não haveria refugio no mundo! Esta verdade é tão intuitiva, que aquelles mesmos que por originalidade, ou para se tornarem excentricos ou famosos, negárão seus preceitos, e mesmo sua existencia, sempre a reconhecião todas as vezes que seu genio libertando-se da oppressão de sua vaidade, estudava a si mesmo, e as grandes cousas que via! Enquanto alguns espiritos debilitados ou transviados deliravão nas cavernas tenebrosas do scepticismo e do atheismo, e legavão, como uma horriavel blasphemia, a vertigem de sua descrença á posteridade, se a si mesmos se não retractavão quando á beira da eternidade, as intelligencias fortes e robustas em saber, os investigadores dos prodigios da natureza, os Newton, os Pascal, os Bacon, os Chateaubriand, como um culto á fonte de felicidade geral, destruião com a facilidade da fé as produções desregradas daquelles cerebros enfermos.

Quão bello é poder-se responder como Bias aos fugitivos de Priène, na occasião de sua tomada por Cyro. — *Omnia mea mecum porto* -- Bias na verdade era um philosopho, comprehendia a religião de Christo, 570 annos da passagem do Regenerador pelas procellas do Jordão. Seja qual for a influencia que esta palavra miraculosa tenha sobre o animo do homem, eu me alisto no numero daquelles que prestão um culto puro á sua omnipotencia; quer na ventura, quer no infortunio, oh! mãe da humanidade, tu sempre me acharás de fronte curva ante ti, e quando levado pela furacão da desdita, eu me considerar sem forças para mais lutar, retirar-me-hei da arêna sem a menor saudade, e á ti me entregarei jubiloso.

Nos teus braços, e gozando de teus carinhos, eu contemplarei o mundo de longe, contigo chorarei os seus desvios lendo os livros de Job e Jeremias, e caminharei impavido com a minha cruz para o Golgotha, e depois para o valle de Josaphat, onde aguardarei cheio de confiança a minha sentença final!

(Continua.)



Continuação

O HOMEM.

Consulte Zoroastre, et Minos, et Solon,
 Et le sage Socrate, et le grand Ciceron;
 Il faut adorer tous un maître, un juge, un père:
 Ce système sublime à l'homme est nécessaire;
 C'est le sacre, lien de la société,
 Le premier fondement de la sainte équité,
 Le frein du scelerat, l'espérance du juste.

(VOLTAIRE.)

Este santelmo da humanidade, o baluarte mais forte da sociedade, amiga, protectora, consoladora dos afflictos, resume em si a historia de todos os seculos; nós a encontramos sempre nas tormentas da vida; ella nos offerece sua dextra poderosa no momento da depressão, e quando pres-tes a largar o fardo oneroso da existencia, ella nos acena para o umbral da eternidade.

Mãi gloriosa e fagueira das nações, eu que te dedico estas linhas, tenho por mais de uma vez sido animado e enrobustecido por tuas exhortações; quando afadigado calha nos duros lagelos dos caminhos tortuosos de minha peregrinação sublimar, e o suor sanguineo do soffrimento me inundava as faces, e turbava a vista, tu, bondosa, me sustinhas e me designavas o homem da dôr como o unico palinuro do mar tempestuoso da mortalidade.

Hoje pois que navego com maior bonança, e em aguas mais calmas, te rendo infinitas graças, e te apyento aos que me ouvirem como a unica força capaz de lutar com o desespero de nosso exilio. Esta filha dos milagres do Sinai e do Thabor, esta guia do povo amado por entre as provanças do Egypto e as aguas emblemas do Mar Vermelho, tem sido em todos os tempos a causa innocente de milhares crimes. Na realidade, esta tem sido a partilha de todas as religiões do terra, tanto da Catholica, como da Judaica, da Jolamista e da Brahamica, da Boudhista e da Magista, da Sentista e da Sabesta, da Fetichista e da Chamanista, etc.; em nome de todas ellas, e por excitação de seus ministros, apellidos justamente que mais devião zelar o bem-estar da humanidade, se tem commettido os horrores mais incriveis.

Na verdade, a religião que nos devia, com mais segurança e rapidez, levar ao complemento de nossa vida terrestre, tem operado um resultado inteiramente opposto; mas não por isso a culpa desse desvio lhe cabe; porém sim a hallucinação, ou peccato effeto dos que imperavão nas diversas idades deste vasto theatro, que se chama o mundo. Se as santas maximas desta divindade não houvessem sido abuzadas, nós hoje, indubitavelmente, seríamos felizes, ou antes na pura serenidade angelica, seríamos hoje — homems. —

Se fossemos a comparar o numero de victimas que os homems teem sacrificado aos seus preconceitos, e a das immoladas á religião, que é a paz e a virtude, portanto infelizes, e a morte de sangue, por certo o d'estas contaria maior algarismo. Mas se tratarmos da religião debaixo desse ponto de vista; seria um drama de horror, e não o que só e unicamente

Fazer uma justa apreciação de cada um dos systemas de imposto, seria, sobre ser superior ás nossas forças, ultrapassar o proposito cuja meta visamos, nós que, tão somente, consideramos esta questão quanto aos principios do direito politico.

Em tempos não muito remotos, classes privilegiadas existirão, sobre as quaes não pesava o onus do imposto; esta flagrante injustiça não podia durar por muito tempo, ella desapareceu do mundo civilisado, principalmente depois que, como refere um bem conhecido autor, — a nobreza não foi mais do que um titulo. —

As contribuições directas e as indirectas são as que, mórmente, combinadas, tem sido postas em pratica nos paizes cultos; releva, porém, notar que ambas não estão escoimadas de defeitos.

No que concerne ás primeiras, antolhão-se-nos as difficuldades de poder-se fazer um exacto e bem averiguado cadastro, por onde se possam avaliar os bens dos particulares, para a imparcial repartição da contribuição directa; porquanto os bens dos particulares estão alternativamente, a passar por constantes vicissitudes, o que enerva de algum modo a *desinteressada* acção desse imposto.

Por outro lado, as segundas muito mais sensiveis inconvenientes acarretão; são ellas feitas segundo o consumo, o que concorre a ferir o commercio, tornando-se, em consequencia vexatoria.

O imposto progressivo finalmente, na apreciação do erudito Lamartine — é uma injustiça soberana, uma soberana demencia, e a ruina geral.

Decidimo-nos, pois, pelas contribuições directas, a nosso humilde ver, levando vantagem a toda e qualquer sorte de imposto; e isto porque se o imposto é o garantidor, o sustentaculo dos direitos dos particulares, é manifesto, que aquelle que mais direitos houverem de sujeitar á acção protectora das leis, com tanto maior somma deverá concorrer para exercer livre e exclusivamente taes direitos.

Que a repartição da contribuição directa deva ser da attribuição do poder legislativo, é uma verdade tão intuitiva, que bem podiamos appellidá-la de — axiomática; não obstante somos impellidos a fundamentar este nosso modo de pensar, mesmo porque certas verdades ha que, como muito bem diz o cidadão Perreau, demandão discussão para seu simples esclarecimento.

Verdade é que o orçamento das despesas publicas é feito pelo poder executivo; mas o poder legislativo, onde licitamente suppõe-se estar o conhecimento das necessidades mais urgentes d'aquelles cuja vontades elle representa, é por isso mesmo julgado o mais idoneo para decretar a lei geral do orçamento, e mais especialmente um dos seus ramos, — a camara temporaria, em favor da qual, pelas renovações periodicas dos seus membros, milita a ficção legal de que as necessidades, que teem de ser remediadas, devem estar mais ao alcance desta secção do poder legislativo, do que da outra — o Senado.

Terminamos as nossas mais do que perfunctorias ementas por louvarmos os legisladores, que sabiamente consagrarão na nossa digna Constituição tão justo preceito.

Cumpra-se fielmente o nosso pacto fundamental, e de sobejo teremos titulos para crermos na nossa felicidade. S. Paulo, Setembro de 1859.

José da Silva Costa.

epochas, em que já existia o dogma do Dualismo — (desde Zoroastro), então estabelecido como consequencia de abstracções metaphysicas, que decorrião das assimilações feitas dos dois objectos physicos oppostos — luz e trevas — aos effeitos moraes, que se julgavão correspondentes; isto é, a luz á virtude, ao bem moral e material, e as trevas ao mal, ao vicio em todas as variedades.

Para se comprehender isto melhor, faremos algumas prelecções sobre a theoria mythologica indiana, origem da egypcia, e esta da grega.

(Continua.)

DIREITO PUBLICO CONSTITUCIONAL.

Artigo 36. É privativa da Camara dos deputados a iniciativa:
1—Sobre impostos.

L'impôt est le signe de la civilisation.

LAMARTINE.

(Continuação.)

O imposto tem sido regulado por varios modos, em diversos paizes; e bons publicistas tem igualmente dissentido das opiniões uns dos outros. E' assim que nós vemos, estes pugnando pelo systema das contribuições directas, aquelles pelo das indirectas; outros, por ultimo, adoptando de preferencia o imposto progressivo.

Em fim, o imposto, na expressão do autor ha pouco citado, diversifica ao infinito: e Montesquieu no seu imperecível tractado do — *Espirito das Leis* — estabelece como regra geral, que —pode-se levantar tributos mais fortes, á proporção da liberdade dos subditos; e e-se forçado a moderar-os, á medida que augmenta a escravidão. —

Como quer que seja, o certo é que sem elle o Estado ver-se-ha tolhido na prodigalisação do amparo devido aos direitos dos cidadãos; estes, portanto, não se devem subtrahir ao pagamento do imposto; com tanto que seja justo e proporcional.

Com quanto, á primeira vista, pareça o imposto invadir direitos dos particulares, qual o da propriedade; todavia, diremos com Hello — não ha direito sem limites, o mesmo direito de propriedade não está isento desta necessidade social.

Entre nós, a nossa Constituição no § 10, art. 15 recommenda o systema das contribuições directas, collocando na alçada do poder legislativo o fixar annualmente as despesas e repartir a contribuição directa. Observa, entretanto, o Sr. conselheiro Pimenta Bueno que, pelo que toca á contribuição directa, ella ainda não está estabelecida entre nós, e difficil será por muito tempo o estabelecê-la.

